

## A GUERRA FRIA: 1945 - 1987<sup>1</sup>

Rodrigo Fernandes More<sup>2</sup>

### I - INTRODUÇÃO.

Com o fim da II Grande Guerra, emergiam do teatro de batalhas duas grandes potências bélicas: os Estados Unidos da América (EUA), cuja economia fundava-se no capitalismo e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), um Estado formado por diversas repúblicas reunidas pela força centralizadora do stalinismo, cuja base econômica socialista foi imposta pela Revolução bolchevique de 1917, que derrubou o último dos imperadores czaristas, da família Romanov.

As palavras-chave na guerra fria eram a “ameaça nuclear”: havia um temor constante, alimentado pela instabilidade das relações entre as duas superpotências, de que a qualquer momento num simples apertar de botões estaria a humanidade face a face com o *armagedom*, com a completa destruição da vida pelas armas nucleares, cujo potencial destrutivo fora testado e apresentado ao mundo em agosto de 1945 sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.

A ameaça nuclear de destruição da humanidade, enfim os instrumentos de equilíbrio de força para a guerra fria, a guerra de ameaças que duraria até 1986 e 1987 com as Conferências de Reykjavik e Conferência de Washington, respectivamente, tiveram seu ponto de partida com as explosões nucleares sobre o Japão. O domínio da energia nuclear e das técnicas para produção de armamentos nucleares passou a significar um importante elemento de geopolítica dos Estados, especialmente entre as duas superpotências. À corrida nuclear associou-se a corrida armamentista e um época de graves conflitos armados nos Estados do “terceiro mundo”, os “filhos pobres” do capitalismo de primeiro mundo e contraponto dos países socialistas do segundo mundo, ao lado de outros Estados denominados não-alinhados, aos quais cumpriria interessante papel na condução das resoluções na Assembléia Geral da então recém-criada Organização das Nações Unidas.

Analisando com desprendimento este período de mais de quarenta anos de guerra fria, tendo em mente as duas grandes guerras que assolaram a Europa neste século, verifica-se, curiosamente, nestes anos de ameaças um grande avanço das ciências humanas, da economia internacional, da relativa promoção e estabelecimento de relações pacíficas entre os Estados.

A Carta das Nações Unidas foi concebida como um grande sistema integrado de princípios tendentes à solução pacífica de controvérsias; criou um monopólio do uso da força e o atribuiu ao um Conselho de Segurança que representava, além das duas superpotências emergentes do conflito, também os aliados de guerra. Contudo, infelizmente, este sistema esteve relegado por todo o período da guerra fria a

---

<sup>1</sup> Estudo baseado na obra de Eric HOBBSBAWM, A Era dos Extremos - O breve século XX - 1914-1991, São Paulo, Companhia das Letras, 2ª ed., 9ª reimpr., 1997, p. 223/252.

<sup>2</sup> O autor é advogado, doutor em Direito Internacional pela USP, diretor do Instituto de Estudos Marítimos e autor do livro “Direito Internacional do Desarmamento: o Estado, a ONU e a paz” (Editora Lex: São Paulo, 2007).

um ostracismo que revelava cada vez mais nítido um mundo bipolarizado que somente viria a se desmantelar com a derrocada do socialismo soviético a partir de 1987.

Não se pode haver, contudo, como homogêneo todo o período de guerra fria. Logo no início da década de 70, mais precisamente em 1973, as drásticas alterações na economia internacional por conta da primeira crise do petróleo provocada pela OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e as revoluções sociais que eclodiram na África, Ásia, Oriente e América Latina, provocaram uma ruptura não somente temporal, mas também política e econômica no período da guerra fria. Diz-se, então, ter havido uma primeira (1945-1973) e uma segunda guerra fria (1973-1987).

A primeira guerra fria foi marcada pelo mais intensa ameaça de destruição nuclear e pelo desenvolvimento da indústria armamentista, o que explica o significativo número de resoluções da Assembléia Geral e de tratados internacionais sobre armas nucleares neste período, mas, curiosamente uma fase de próspero desenvolvimento econômico global.

O segundo período foi marcado por duas crises econômicas globais, ambas causadas pela intervenção da OPEP sobre o petróleo: em 1973 e 1979, esta última agravada pela revolução cultural islâmica no Irã, que derrubou o Xá Reza Pahlevi, o qual havia sido reconduzido ao trono em 1953 pela CIA, guindando ao poder o Aiatolá Khomeini. Encerrando este período de graves conflitos armados, em 1986 e 1987, diante de um flagrante processo de degeneração econômica do bloco socialista, URSS (Gorbachev) e EUA (Reagan) promovem a assinatura de dois tratados internacionais, em Helsinque e Washington, respectivamente, colocando um fim na guerra fria entre os EUA e a debilitada URSS. O marco de uma nova era teria lugar dois anos mais tarde, em 1991, quando se pôs abaixo o maior ícone de um mundo bipolarizado que não mais existia: o muro de Berlim.

Até os acordos de Reykjavik (1986) e Washington (1987) o mundo conviveu com o constante confronto entre as duas superpotências emergentes da Segunda Guerra, EUA e URSS, conflito que os historiadores denominaram de “guerra fria.

A origem da guerra fria está inserida no contexto da Segunda Guerra, pois foi entre 1943 e 1945, nas Conferências de Yalta, que os Chefes de Estado aliados - Roosevelt, Churchill e Stalin - traçaram as linhas demarcatórias da nova geografia mundial, dividindo o mundo entre as duas superpotências emergentes, EUA e URSS, entre dois sistemas econômicos diferentes: capitalismo e socialismo.

Assim, a proposta deste trabalho é apresentar um breve resumo deste curioso período de nossa história, a guerra fria, que segundo alguns é a primeira guerra que jamais se findou ou a terceira guerra, que nem se lutou.

## **II - O MUNDO PÓS-II GUERRA.**

Antes de apresentarmos um breve panorama do novo mapa global (especialmente da Europa), vejamos de que trata o termo superpotência. O termo superpotência não equivalia somente a um poderio econômico, mas também a um

poderio militar que emergia da guerra como instrumento de política, de força. A partir de Hiroshima, o poder militar, o poder de destruição, tornou-se instrumento de política, de geopolítica.

Entre os aliados, ao fim da guerra, somente os EUA demonstravam saúde econômica para enfrentar o que se previa como um dos mais negros e críticos períodos da economia internacional, previsão tomada a partir dos efeitos percebidos após a I GGM, tal como a Crise de 1929. Numa perspectiva de força, a URSS contava com 12 milhões de soldados no Exército Vermelho e a confiança por parte dos aliados de que somente com a ajuda soviética poderia ser vencido Hitler. A Inglaterra de Churchill, de sua vez, estava economicamente debilitada no pós-guerra e não possuía um poderio militar que pudesse contrastar com os EUA e URSS.

Assim, os aliados cuidaram de dividir a Europa de acordo com as forças de ocupação dos EUA e URSS. A Alemanha, de forma particular, teve dividida sua capital, Berlim, entre EUA e URSS, a despeito de sua localização Oriental. Os soviéticos não tiveram força suficiente para repelir a ingerência americana neste ponto de seu território. No que se refere à Áustria, esta foi transformada numa segunda Suíça com a retirada dos ex-beligerantes. Na Europa oriental prevaleceu o domínio de Moscou, exceção feita à Iugoslávia de Tito (1948).

Fora da Europa, no oriente, o General McArthur ocupava unilateralmente para os EUA o Japão, excluindo todos os demais aliados.

Ao fim da guerra, como já se asseverou, existiam dois sistemas econômicos em confronto - capitalismo e socialismo - que dividiram o mundo em três categorias econômicas distintas: primeiro, segundo e terceiro mundos. No pós guerra os Estados do terceiro Mundo e os pós-coloniais, apesar de não se afinarem com a política dos EUA, eram em sua maioria anti-comunistas na ordem interna e não-alinhados (não-soviéticos) em assuntos internacionais, constituindo um bloco de Estados que ficou conhecido nas Nações Unidas como “Grupo dos 77”, o qual conseguiu aprovar uma série de resoluções contra o sistema neo-colonialista e se fixação da soberania absoluta dos Estados sobre seus assuntos internos.

Nos primeiros anos das Nações Unidas destacam-se duas resoluções da Assembléia Geral de grande importância: a Convenção sobre Prevenção e Punição do Crime de Genocídio<sup>3</sup> e a Declaração Universal do Direitos do Homem, ambas de 1948<sup>4</sup>.

### III – POR QUE GUERRA FRIA?

Deste o início deste estudo destacou-se que a guerra fria foi marcada pela constante ameaça de um conflito nuclear, embora não se possa afirmar, com certeza, que em algum momento preciso se estivesse na iminência de um conflito desta natureza.

A guerra fria foi uma guerra de ameaças, não de confrontos. Jamais houve um confronto direto entre EUA e URSS durante os 43 anos de guerra fria. Se não

<sup>3</sup> A/RES/260 A (III), de 09.12.48.

<sup>4</sup> A/RES/217 A (III), de 10.12.48.

houve uma “guerra quente”, talvez tenha havido, como diz HOBBSAWN, um “paz fria”.

Embora não tenha havido confrontos diretos entre os EUA e URSS, ainda sim pode-se falar em “guerra”, já que guerra, adotada a concepção hobbesiana para o termo, não é somente batalha, mas também a clara e expressa vontade de disputar pela batalha, durante certo período de tempo. A guerra fria foi isso, uma guerra de ameaças, de ameaças nucleares e de extinção de toda a humanidade.

Durante todo o período da guerra fria a humanidade conviveu com o constante temor de extermínio da humanidade pelas armas nucleares, temor maximizado pelo desconhecimento leigo da energia nuclear e pela instabilidade das relações entre EUA e URSS. Até mesmo os mais incrédulos com a possibilidade de uma guerra não excluíam, em absoluto, a possibilidade de que ela ocorresse.

#### **IV - PRIMEIRA GUERRA FRIA: 1945 A 1973.**

Neste primeiro período da guerra fria será que houve um real perigo de um confronto nuclear? Difícil dizer. Neste período, sem dúvida, o mais conturbado período foi a era Truman (1947/1951) e de sua doutrina (política americana de apoiar os povos livres da tentativa de sub-julgação por minorias armadas ou forças externas). Em sua política exterior Truman lançou os EUA em três campanhas: na China em 1949, na Coreia em 1950 e na Revolução Iugoslava de Tito em 1948, todas com contraponto soviético.

Em 1949, o poder político na China, um país até então não-alinhado, era tomado por Mao Tsé Tung e os comunistas, os quais iniciaram de imediato uma guerra a Coreia. Entre 1950 e 1953, os norte-americanos envolveram-se oficialmente no conflito. Abalados com a derrota na China, os EUA e seus aliados (ONU) intervieram na Coreia para impedir que o regime comunista do Norte se estendesse ao Sul. Do lado chinês, a força aérea era reforçada por experientes pilotos soviéticos, o que foi desconsiderado politicamente pelos EUA, informação desmentida por Moscou, que não desejava um conflito com EUA, tampouco a vitória deste. Outro fato que pode ser lembrado é a questão dos mísseis soviéticos em Cuba (1962), onde a maior preocupação de ambos os lados era não tomar atitudes que pudessem ser interpretadas como agressões diretas ao outro lado.

Assim que a URSS anunciou e testou sua primeira arma nuclear na Sibéria, em 1953, as duas superpotências abandonaram a guerra como instrumento de política, pois isto equivaleria a um pacto suicida.

Se a partir deste momento não estava mais clara a possibilidade de uma guerra nuclear entre EUA e URSS, não menos obscuras eram as possibilidades de guerras nucleares destes contra terceiros: EUA X Vietnã, em 1965 e URSS X China em 1969, conflitos nos quais não houve o emprego de qualquer artefato nuclear.

Não existia, em termos objetivos, apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, perigo iminente de guerra mundial, sobretudo do lado americano, pois os governos das superpotências aceitaram a divisão de forças ao fim da Segunda Guerra, que equivaleria a um equilíbrio desigual de poder, mas que não contestado em

sua essência. Havia, sim, o medo da destruição mútua inevitável (bem traduzida na sigla MAD - *Mutual Assured Destruction*) que impedia a ambos os lados de apertar o botão que destruiria toda a humanidade. O medo e a divisão concertada do mundo entre as duas superpotências fez criar duas áreas de influência bem delineadas e respeitadas por ambos os lados.

Para a Europa, os EUA criaram o plano Marshall de recuperação econômica; a URSS, no entanto, não fixou plano algum para seu domínio. No entanto, havia algumas áreas indefinidas (fora da Europa) nas quais as duas superpotências continuaram a competir: ex-colônias imperiais da África e Ásia (Angola, Vietnã e Coréia). Estes Estados recém saídos do colonialismo mergulharam em extensa crise política e econômica, situações agravadas no início da década de 70 resultante da 1ª crise do petróleo.

Neste período de intensa instabilidade política internacional, as superpotências confiaram na possibilidade de uma coexistência pacífica, sem um ataque direto entre as duas forças armadas.

Até 1970, a guerra Fria foi tratada como uma Paz Fria. Evidências: em 1953 os tanques soviéticos avançaram sobre a Alemanha Oriental sem qualquer reação dos EUA. Era mais uma evidência do concerto sobre a divisão do Mundo. Ficou evidente, a partir de então, que o discurso anticomunista americano não passava de retórica. Fato semelhante aconteceu em 1956 no que se refere à revolução húngara.

Havia uma confiança mútua de que ambos os lados não queria a guerra. Confiança abalada em 1962 com a mencionada crise dos mísseis cubanos a qual, por alguns dias, deixou o mundo à beira de uma guerra desnecessária (Kruschev decidiu colocar mísseis em Cuba em resposta aos mísseis americanos colocados do outro lado da fronteira soviética com a Turquia). Mais tarde se descobriria que os mísseis americanos e soviéticos eram obsoletos e que portanto, como já sabia Kennedy, não faziam diferença alguma no equilíbrio de forças.

Mas como justificar quase 45 anos de confrontos armados e mobilizados baseados somente na suposição de que a instabilidade do planeta era de tal ordem que uma guerra mundial poderia por fim a toda a humanidade?

Primeira justificativa que se apresenta é de que este temos era preponderantemente Ocidental. Uma estratégia de política interna e de Geopolítica. Os EUA acreditavam que o mundo do pós-guerra mergulharia numa crise sem precedentes, com problemas que minariam a estabilidade econômica, política e social do mundo. Era evidente que os aliados, à exceção dos EUA, estavam saindo muito abalados da II GGM.

Além disso a URSS fora favorecida pelo desmoronamento internacional do pós-guerra, propiciando a ela a influência sobre extensas áreas do mundo, especialmente na Europa. Um bom exemplo desta instabilidade foi a ameaça francesa de adotar o regime comunista se os EUA não fornecessem ajuda financeira ao país (1946).

Ao contrário do pensamento americano, contudo, a URSS não demonstrava interesses expansionistas, já que não avançou para além das fronteiras

estabelecidas em Yalta. Na verdade, nas áreas controladas por Moscou, os regimes locais (comunistas) não estavam dispostos a erguer Estados semelhantes ao modelo soviético, mas economias mistas sob regime parlamentar multipartidário, muito distinto da ditadura de proletariado unipartidária de Moscou (o único Estado Europeu que rompeu com o modelo de Moscou foi a Iugoslávia de Tito, em 1948). Além disso, deve-se considerar que a URSS diminuiu seu Exército de 12 milhões em 1945 para 3 milhões de soldados em 1948.

A posição da URSS era frágil ao final da II GGM. A única estratégia para se manter os domínios conquistados na guerra era a contumaz negativa a revisão do acordo de Yalta. Stalin sabia das deficiências da URSS, de sorte que não haveria negociações sobre posições já conquistadas. É de se recordar, também, que os EUA “perderam” o pedido de ajuda financeira feito por Moscou ainda no último período da guerra.

No outro lado do *front*, os EUA se preocupavam com o perigo da supremacia da URSS, enquanto esta se preocupava com a hegemonia de fato dos EUA.

Ao lado deste embate entre EUA e URSS, a corrida armamentista ganhava fôlego: em 1952 os ingleses conseguem produzir sua primeira bomba nuclear, proclamando sua independência em relação aos EUA; em 1953, como mencionado, a URSS testa sua primeira bomba nuclear, dando início à corrida armamentista e desenvolvimento de complexos industriais militares que não mais se voltavam para a guerra direta, mas para o lucrativo mercado internacional de armas. Finalmente em 1960, os chineses constróem sua primeira bomba nuclear.

Enquanto durou a guerra fria, os artefatos nucleares da Inglaterra e China em nada influenciaram a política entre as duas superpotências. Os problemas surgiram, como de fato surgiram, com o final da guerra fria, com o descontrole da produção de armas nucleares, que se deslocaram em tecnologia e material contrabandeado para perigosos focos de tensões históricas, a exemplo do Paquistão e da Índia.

Afinal, quem foi o responsável pela guerra fria. Certamente o medo do mútuo confronto, mais acentuado no Ocidente, fundado na idéia de “conspiração comunista”, plataforma política que definitivamente elegeu Robert Kennedy nos EUA.

Nesta primeira fase, a guerra fria inspirou dois conflitos armados de grande relevância: a guerra da Coréia (1950/1953) e a guerra do Vietnã (1965/1975), que se estendeu até o início da Segunda fase da guerra fria.

Juntamente com a guerra do Vietnã surgiram os primeiros movimentos contra a guerra fria, bem como movimentos ambientalistas contra as armas nucleares e experimentos nucleares.

Entre as consequências políticas e econômicas da guerra fria no panorama internacional, pode-se identificar os seguintes:

1. Polarizou o mundo controlado por EUA e URSS em dois grupos bem definidos (pró-comunistas e anti-comunistas).
2. Ameaça americana de intervenção na Itália se os comunistas vencessem as eleições de 1948.

3. Criação da “Internacional Comunista”, extinta em 1953.
4. Criação de um sistema unipartidário permanente no Japão e Itália, excluindo os comunistas.
5. Alteração da política internacional do continente europeu. Provocou a reação e a criação da Comunidade Européia em 1957, pelo acordo de 06 Estados (França, Alemanha, Itália, Países baixos, Bélgica e Luxemburgo)
6. Criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte - OTAN (1949) aliança militar anti-soviética (pacto de Varsóvia), baseada na força da economia alemã, rearmada pelos EUA.
7. Enfraquecimento do dólar com o estabelecimento do “Pacto do ouro” para estabilização do preço do metal no mercado internacional (a paridade ouro-dólar extinta em 1971, retirando dos EUA o controle do sistema de pagamentos internacional).

O início da década de 60 foi marcado pelo afrouxamento da tensão entre EUA e URSS, fato denominado no meio diplomático como *détent*. Josef Stalin falecera em 1953 ao mesmo tempo que a guerra da Coreia havia terminado sem um conflito nuclear. Na URSS Nikita Krushev estabeleceu sua liderança após a morte de Stalin.

O período de *détent* se estenderia até o ano de 1973, rompido somente pela crise dos mísseis cubanos em 1962. Curiosamente em 1977 a Assembléia Geral aprovava a Resolução 23/155 que encerrava a Declaração sobre Aprofundamento e Consolidação da *Detent* Internacional.

Nesta fase inicial de *détent*, concluiu-se a construção do Muro de Berlin (1961) e se estabelecia a “linha quente” entre Moscou e Washington (1963). Neste mesmo ano, Kennedy foi assassinado em Dallas, Texas; no ano seguinte Krushev seria substituído por Leonid Brejnev, que mergulharia a URSS num “período de estagnação” de 20 anos.

Neste período de estagnação da URSS, entre 1961 e 1981, estabeleceram-se uma série de tratados sobre o uso do espaço cósmico e controle de armas nucleares: tratados de proibição de testes, tentativas de deter a proliferação de armas nucleares; tratado de limitação de armas estratégicas (SALT) entre EUA e URSS, acordo sobre mísseis antibalísticos (ABMs) de cada lado.

Vejam-se, por exemplo, somente com relação à primeira guerra fria (1945-1973), a Declaração sobre a Proibição do Uso de Armas Nucleares e Termonucleares de 1961<sup>5</sup>, a Declaração sobre os Princípios Legais de Governo das Atividades dos Estados na Exploração e uso do Espaço de 1963<sup>6</sup>, o Tratado sobre Não Proliferação de Armas Nucleares de 1968<sup>7</sup>, o Tratado sobre Proibição de Depósito de Armas Nucleares e outras Armas de Destruição em Massa na Plataforma, no Fundo Oceânico e no Subsolo Oceânicos de 1970<sup>8</sup>, a Convenção sobre a Proibição do Desenvolvimento, Produção, Estocagem de Armas Bacteriológicas (Biológicas) e

<sup>5</sup> A/RES/1653 (XVI), de 24.11.61.

<sup>6</sup> A/RES/1962 (XVIII), de 13.12.63.

<sup>7</sup> A/RES/2373 (XXII), de 12.06.68.

<sup>8</sup> A/RES/2660 (XXV), de 07.12.70.

Tóxicas e sobre sua Destruição de 1971<sup>9</sup>, o Tratado sobre Princípios de Governo das Atividades dos Estados na Exploração e Uso do Espaço Cósmico, inclusive a Lua e outros Corpos Celestes de 1966<sup>10</sup>, o Acordo sobre Resgate de Astronautas, o retorno de Astronautas e de Objetos Lançados ao Espaço de 1967<sup>11</sup>, a Convenção sobre Responsabilidade por Danos Causados por Objetos Espaciais de 1971<sup>12</sup>, a Convenção sobre Registro de Objetos Lançados ao Espaço de 1974<sup>13</sup> e a Declaração sobre Cooperação Internacional para o Desarmamento de 1979<sup>14</sup>.

Este também foi um período de reconhecimentos em direitos da mulher - Convenção sobre Direitos Políticos das Mulheres de 1952<sup>15</sup>, das crianças - Declaração sobre os Direitos da Criança de 1959<sup>16</sup>; da auto-determinação das ex-colônias - Declaração de Outorga de Independência aos Estados e Povos Coloniais de 1960<sup>17</sup> e a Declaração sobre a Inadmissibilidade de Intervenção nos Assuntos Internos dos Estados e de Proteção de sua Independência e Soberania de 1965<sup>18</sup>; da eliminação da discriminação racial - Declaração das Nações Unidas sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial de 1963<sup>19</sup>, retomada em 1965<sup>20</sup> e a Convenção Internacional sobre a Supressão e Punição do Crime de Apartheid de 1973<sup>21</sup>; de reconhecimento de direitos humanos - Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais de 1966<sup>22</sup>, a Convenção sobre não-aplicabilidade do Estatuto de Limitações para Crimes de Guerra e Crimes contra a Humanidade de 1968<sup>23</sup>; e segurança internacional – a Convenção sobre Missões Especiais e Protocolo Opcional relativo à Solução de Disputas Compulsória de 1969<sup>24</sup>, a Declaração sobre os Princípios de Direito Internacional relativos às Relações Amistosas e Cooperação entre Estados de acordo com a Carta das Nações Unidas de 1970<sup>25</sup>, e a Declaração sobre Segurança Internacional de 1970<sup>26</sup>.

Em resumo, nos anos que antecederam a primeira crise do petróleo, começava a florescer o comércio entre EUA e URSS, em excelente perspectiva, ao mesmo tempo que se procurava equacionar a questão da corrida armamentista não somente entre os EUA e a URSS, mas também com relação a outros Estados (Inglaterra, França, China) que buscavam uma maior independência em relação a ambos os sistemas – capitalista e socialista. Este período, sem dúvida, ficou marcado como uma era de ameaças de um conflito nuclear capaz de destruir toda a humanidade. Iniciava neste período, contudo, os principais movimentos de independência da África, os quais

<sup>9</sup> A/RES/2826 (XXVI), de 16.12.71.

<sup>10</sup> A/RES/2222 (XXI), de 19.12.66.

<sup>11</sup> A/RES/2345 (XXII), de 19.12.67.

<sup>12</sup> A/RES/2777 (XXVI), de 29.11.71.

<sup>13</sup> A/RES/3235 (XXIX), de 12.11.74.

<sup>14</sup> A/RES/34/88, de 11.12.79.

<sup>15</sup> A/RES/640 (VII), de 20.12.52.

<sup>16</sup> A/RES/1386 (XIV), de 20.11.59.

<sup>17</sup> A/RES/1514 (XV), de 14.12.60.

<sup>18</sup> A/RES/2131 (XX), de 21.12.65.

<sup>19</sup> A/RES/1904 (XVIII), de 20.11.63.

<sup>20</sup> A/RES/2106 A (XX), de 21.12.65.

<sup>21</sup> A/RES/3068 (XXVIII), de 30.11.73.

<sup>22</sup> A/RES/2200 A (XXI), de 16.12.66.

<sup>23</sup> A/RES/2391 (XXIII), de 26.11.68.

<sup>24</sup> A/RES/2530 (XXIV), de 08.12.69.

<sup>25</sup> A/RES/2625 (XXV), de 24.10.70.

<sup>26</sup> A/RES/2734 (XXV), de 16.12.70.

teriam grande instabilidade na economia global, masca do segundo período da guerra fria.

#### V - 2ª GUERRA FRIA

O período da Segunda guerra fria iniciou com uma grande crise econômica global provocada pela repentina superelevação dos preços do petróleo provocada pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), agravada em 1979 por uma segunda grande crise coincidente com a Revolução Cultural do Islã promovida pelo Aiatolá Khomeini.

Em 1973 o cartel internacional de petróleo (OPEP) provocou uma mudança drástica na economia internacional a aumentar o preço do produto, enfraquecendo o domínio dos EUA.

Como se não bastasse este fato, os EUA estavam desmoralizados com os sucessivos fracassos na Guerra do Vietnã e com a infeliz campanha na Guerra do Yom Kipur (1973) na qual apoiou Israel em sua guerra contra o Egito e Síria (apoiados pela URSS). Neste conflito, nem mesmo os aliados europeus apoiaram a investida americana, recusando autorização de uso de bases americanas em seus território (o que foi autorizado somente por Portugal - Açores).

Foi também nesta ocasião que o Secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger fez soar o primeiro alarme de guerra nuclear desde a crise dos mísseis cubanos.

A OPEP queira cortar o fornecimento de petróleo para Israel, ao fazer isso descobriram o poder de controle do mercado de petróleo. Sem dúvida o Vietnã e o Yom Kipur enfraqueceram a posição política americana, mas não alteraram o cenário da GF.

No entanto, entre 1974 e 1979 uma nova onda de revoluções eclodiu na África (confirmada anos mais tarde na Declaração sobre a Situação Crítica da África de 1984<sup>27</sup>), Oriente e América, propiciando à URSS a instalação de bases militares em alguns Estados.

Foi a coincidência desta terceira onda de revoluções mundiais, associada ao fracasso político americano, que fez surgir a Segunda guerra fria. Transferia-se, assim, a área de competição das superpotências da Europa para o 3ª Mundo. Logo após a crise de 1973, as Nações Unidas editaram a Resolução 3201 (S-VI) contendo a Declaração sobre o Estabelecimento de uma Nova Ordem Econômica Internacional e no final daquele mesmo ano a Carta dos Direitos e Deveres Econômicos dos Estados de 1974<sup>28</sup>, sem descuidar do tema sempre presente dos conflitos armados com a edição da Resolução 3314 (XXIX) sobre a Definição de Agressão.

A mudança de foco de conflitos e tensões (*détent*), deu ao Presidente norte americano Richard Nixon e ao Secretário de Estado Henry Kissinger a

<sup>27</sup> A/RES/39/29, de 03.12.84.

<sup>28</sup> A/RES/3281 (XXIX), de 12.12.74.

oportunidade de duas importantes vitórias militares e políticas: a expulsão dos soviéticos do Egito e o recrutamento informal da China para a aliança anti-comunista.

Do lado soviético, Leonid Brejnev, o líder da era da estagnação, afundava a URSS em dívidas com armas. O resultado desta corrida armamentista foi que em meados da década de 80 a URSS superava os EUA em produção de ferrogusa, aço e tratores, mas descuidou da economia do silício e do software.

Em 1979 a OPEP mais uma vez elevou os preços do petróleo, agravando ainda mais o quadro da economia internacional. Coincidentemente com a revolução islâmica do Irã, a maior revolução social deste período.

Neste panorama de crise política assumiu Ronald Reagan (1980/88) com a missão de reconquistar o prestígio americano. Para tanto promoveu a invasão de Granada (1983), o ataque à Líbia (1986) e a invasão do Panamá (1989).

Do outro lado da mesa de negociações estava o presidente soviético Mikail Gorbachev, que com a política de *perestroika* e intensas negociações com o governo Reagan, pôs fim à guerra fria através de dois acordos assinados em 1986, em Reykjavik, e em 1987, em Washington.

Encerrando vinte anos de estagnação na URSS, em 1988 Gorbachev promoveu a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão após 08 anos de ajuda ao governo que lutava contra guerrilheiros financiados pelos EUA e abastecidos pelo Paquistão.

Com a queda do Muro de Berlim (1991), dois anos após o Acordo de Washington, deixava-se clara a queda do socialismo, em maior parte devido às suas próprias mazelas, sem que significasse uma vitória do capitalismo, que sobrevivera melhor respondendo aos anos de crise e instabilidade política do pós-guerra.

Entre 1973 e 1991 a comunidade internacional não deixou de lado a corrida armamentista (Declaração da Década de 80 como a Segunda Década de Desarmamento de 1980<sup>29</sup>, a Declaração sobre Prevenção de Catástrofe Nuclear de 1981<sup>30</sup> e a Declaração da Década de 90 como a Terceira Década de Desarmamento de 1990<sup>31</sup>) ou a independência soberana dos Estados (Declaração sobre a Inadmissibilidade de Intervenção e Interferência nos Assuntos Internos dos Estados de 1981<sup>32</sup>, mas passou a atentar também para outras matérias de interesse de preservação da própria vida do Homem. Em 1972, na Conferência de Estocolmo, consolidavam-se num instrumento internacional princípios de direito internacional do meio ambiente, que serviram e vêm servindo de fundamento para novos instrumentos de direito ambiental, a exemplo da Carta Mundial da Natureza de 1982<sup>33</sup>.

<sup>29</sup> A/RES/35/46, de 03.12.80.

<sup>30</sup> A/RES/36/100, de 09.12.81.

<sup>31</sup> A/RES/45/62, de 04.12.90.

<sup>32</sup> A/RES/36/103, de 09.12.81.

<sup>33</sup> A/RES/37/7, de 28.10.82.

Ganhou também vulto os debates em torno do direito ao desenvolvimento (Declaração sobre o Direito ao Desenvolvimento de 1986<sup>34</sup>, o qual comportava um exercício soberano dos Estados sobre suas próprias riquezas naturais.

---

**Fontes:** o texto integral das mencionadas resoluções da Assembléia Geral das Nações Unidas podem ser encontradas no *site* oficial da ONU: <http://www.un.org>

---

<sup>34</sup> A/RES/41/128, de 04.12.86.